



# Religiosidade e Identidade na polis da Grécia Antiga

O exemplo do Festival das Panatenéias



# Religiosidade e Identidade na polis da Grécia Antiga

O exemplo do Festival das Panatenéias

Trabalho realizado no Laboratório do  
Núcleo de Estudos Mediterrânicos da UFPR

# Identidade e religiosidade na *polis* da Grécia Antiga

Debater sobre a religiosidade grega é uma tarefa difícil, tanto porque o assunto é muito vasto como também implica em compreender uma forma de pensar e agir diferentes da nossa. Às vezes colocamos o politeísmo grego como um jeito primitivo e mítico dos antigos relacionarem-se com o mundo, ou melhor, com as potências extra-humanas. Porém, como comenta Jean-Pierre Vernant, essa religiosidade não era primitiva, no sentido de ser menos complexa ou inferior a outras tradições religiosas, ela distinguia-se e possuía sua estrutura (Vernant, 1992 p.11). A organização da religião grega em termos estruturais é fundamental para um panorama da mentalidade grega, a qual refletia em todos os aspectos da vida humana, até mesmo na formação da *polis* e seu âmbito social.

Nesse sentido discutiremos, brevemente, a estrutura para depois entendermos basicamente o papel de tal religiosidade na *polis* (Período Clássico séculos VI a IV a.C., aproximadamente). Como exemplo, analisaremos o festival das *Panatenéias* em Atenas. Esse festival celebrava a solidariedade da comunidade sob a proteção da deusa protetora da cidade “representava um reforço do sentimento de ser ateniense” (Jones, 1997 p.117). O ano religioso era marcado por festas, das quais podiam participar desde todas as pessoas (mulheres, escravos, estrangeiros e cidadãos) da cidade até apenas os membros de uma *phrátriai*.

# Estrutura da religiosidade grega

A religiosidade grega não tinha caráter dogmático, o que inferia em uma série de particularismos e, portanto, não podemos falar em *uma* religião grega, mas em cultos gregos (no plural). Contudo, existia uma cultura e uma língua gregas que delimitavam local e temporalmente a noção do que se entende por politeísmo grego. E tal religiosidade pode ser expressa em termos estruturais: mito, ritual e figuração dos deuses (Vernant, 1992 p.11).

Mito e ritual: o mito era como uma narrativa do passado, o qual pode ter a sua veracidade justificada para os antigos gregos pelo fato de as coisas que neles são expostas existirem na realidade. Ele fazia parte da mentalidade grega e estava associado no ritual, uma vez que o que aconteceu podia ser repetido por meio do poder dos ritos. Ele explicava o mundo e o modo do homem existir nele.

Figuração dos deuses: uma divindade era cognoscível a partir das relações que estabelecia com outros deuses – da mesma forma que na linguagem (um signo só é possível a partir das relações de oposições e aproximações com outros signos). Os deuses gregos, portanto, limitavam-se uns aos outros ao mesmo tempo em que se complementam. Sendo assim, a unicidade é um traço fundamental no divino e, por ser essencial, parte da estrutura religiosa.

# Deuses

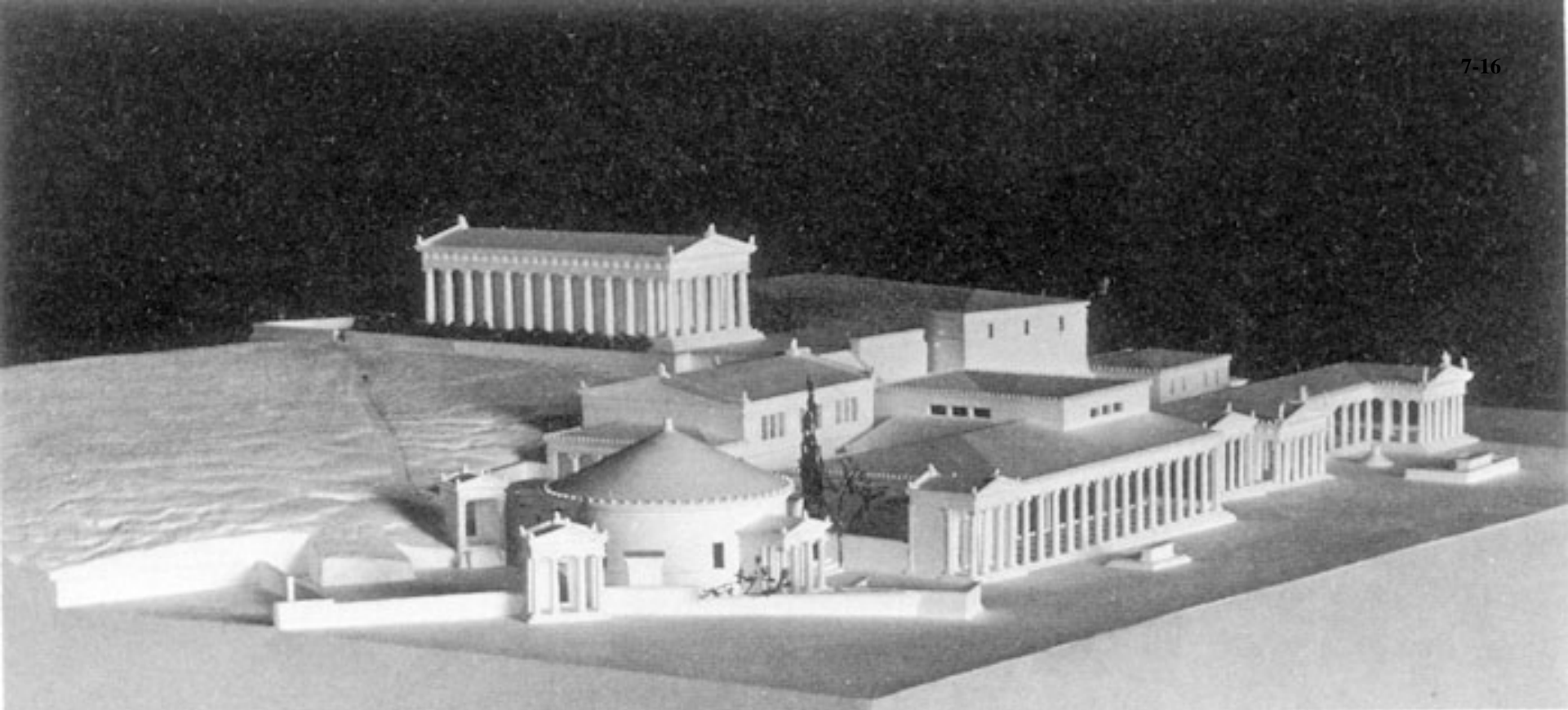
Um deus era uma potência, reunia sob sua autoridade uma pluralidade de forças; Zeus, por exemplo, manifestava-se no mundo por meio de tudo aquilo que simbolizava superioridade e supremacia (raios, tempestades, altos picos, a figura do governante). É importante ressaltar que Zeus não era tais forças, mas que elas provinham dele, isso diferenciava a religiosidade grega dos cultos à natureza. Por reunir várias forças, um deus possuía muitos atributos e funções. Então, o panteão além de poder combinar um grande número de divindades tinha inúmeros atributos para um mesmo deus podendo reconhecer apenas um deles.

O divino não implicava em um absoluto onipotente e onipresente: os deuses estavam no mundo e faziam parte dele. Na formação do mundo *Caos* (Abismo) e *Gaia* (Terra) eram as potências primordiais, donde saíram, ao mesmo movimento, os deuses e os homens (estes para habitarem o mundo e aqueles para o presidirem). A diferença essencial entre deuses e homens é que esses eram mortais e aqueles imortais. Tais imortais eram imagem dos valores mais admirados: beleza, força, juventude, vida eterna; mas também realizavam ações imorais: adultério, paixões desenfreadas, mentiras.

# A Cidade-Estado

A cidade-estado compreendia a *polis* e a *acrópole* (colina fortificada e centro religioso) e *ásty* (cidade baixa – mercado e *agora*), um porto se tivesse mar (é o caso de Atenas, cujo porto era o Pireu) e o território rural (aldeias). Ela abrangia tudo isso, porém era a *polis* o seu centro. E essa cidade desenvolveu-se, em alguns casos, a partir de locais onde antes (Período Micênico – séculos XV a XI a.C. aproximadamente) tinham os palácios – é o exemplo de Atenas e Tebas, cujos centros continuaram sendo habitados, mas sobre novas bases de organização. O crescimento demográfico e uma vida artesanal e comercial (na Época Arcaica a cunhagem de moedas facilita a comércio e é um símbolo de independência da cidade-estado) também foram importantes para a constituição da *polis*.





Na cidade-estado a administração era exercida por magistrados escolhidos pelos cidadãos, os quais também podiam participar das assembleias. As decisões políticas, portanto, eram coletivas. Contudo é fundamental constatarmos que a qualidade de cidadão variava de cidade-estado para outra, em Atenas (uma grande cidade-estado que unificava toda a Ática) todos os homens livres e atenienses constituíam o corpo de cidadãos. Mulheres, estrangeiros e escravos não o eram, mas camponeses dentro dessas condições sim. Já a legitimação do governo como um todo pode ser entendida do ponto de vista religioso, uma vez que o zelo pelas divindades protetoras da cidade era responsabilidade dele. Quando alguém de alguma forma ofendia os deuses, o governo era incumbido da punição.

# A Organização Anual

Cada uma das cidades-estados possuía sua organização durante o ano. O calendário era marcado por festas e festivais em honra aos deuses e nesses dias de comemorações instituíam-se feriados. Durante os festivais o magistrado estava sempre presente e não se realizavam assembléias, a *boulé* só funcionava em casos extraordinários. Por se diferenciarem do cotidiano, as festas marcavam o tempo na Grécia Antiga.

Toda festa comportava geralmente uma procissão, um sacrifício e um banquete. Foram nelas que floresceram o teatro, a música, a poesia e as competições atléticas por meio dos diversos concursos que se realizavam. E a organização desses eventos sempre era feita pelo governo da cidade, a qual se beneficiava com as trocas comerciais e culturais; sobretudo com o sentimento dos grupos de pessoas que se sentiam pertencentes a algo maior, a cidade-estado. A seguir uma reconstituição do calendário ateniense:

*Meses do calendário civil ateniense, com equivalentes modernos*

<i>Hekatombaion</i>	<i>junho – julho</i>
<i>Metageitinion</i>	<i>julho – agosto</i>
<i>Boedromion</i>	<i>agosto – setembro</i>
<i>Pyanepsion</i>	<i>setembro – outubro</i>
<i>Maimakterion</i>	<i>outubro – novembro</i>
<i>Poseideion</i>	<i>novembro – dezembro</i>
<i>Gamelion</i>	<i>dezembro – janeiro</i>
<i>Anthesterion</i>	<i>janeiro – fevereiro</i>
<i>Elaphebolion</i>	<i>fevereiro - março</i>
<i>Mounikhion</i>	<i>março – abril</i>
<i>Thargelion</i>	<i>abril – maio</i>
<i>Skiroforion</i>	<i>maio-junho</i>

JONES (1997: 118)



As festas atenienses ocupavam cerca de um terço do ano civil, que era ao mesmo tempo religioso. O início de cada mês era marcado por comemorações e também havia aquelas com datas precisas como a das *Panatenéias*, no dia vinte e oito do mês *Hekatombaion*, as *Tesmofórias*, dias onze a treze de *Pyanepsion*, dentre outras. Abaixo algumas comemorações:

- *Festa das Skirophories*: da colheita no mês *Skiroforion*. Uma procissão é conduzida pelo sacerdote de Poseidon *Erecteu* e pela sacerdotisa de Atena *Polias* (os dois deuses habitantes do *Erecteion*, um templo na *Acrópole*).

- *Festival de Anthesteria*: durava três dias no mês *Anthesterion* e realizava-se em reverência a Dioniso, cujo tema principal era o vinho novo e os espíritos de mau agouro (no último dia de festa espíritos vagavam pela cidade).

- *Festival da Tesmofórias*: festa da sementeira e da fecundidade em honra a Deméter no mês *Pyanepsion*. Era exclusiva para as mulheres casadas (esposas de cidadãos) e durava três dias.

- *Grandes Dionisíadas*: festival em homenagem a Dioniso em *Elaphebolion*. Nele ocorria concursos e competições de teatro. Durante a festa os cidadãos eram pagos para poderem assistir as representações teatrais.

Deuses	
Atena	Filha de Zeus presidia as artes e técnicas. Atena <i>Polias</i> (protetora da <i>polis</i> – homenageada no Festival das <i>Panatenéias</i> ), Atena <i>Prômacos</i> e <i>Partenia</i> (evocam o poderio militar – <i>partenia</i> porque sua imagem ficava no <i>Partenon</i> ).
Deméter	Irmã de Zeus, Poseidon e Hades, é a deusa da fecundidade e das plantações. Deméter <i>Thesmophore</i> (honrada no Festival da <i>Tesmofórias</i> ).
Dioniso	Filho de Zeus com a mortal Semele é uma divindade ambígua: deus risonho da vinha e da vegetação e também deus sombrio das orgias, nas quais mulheres entravam em transe. Homenageado em carnavais alegres e no teatro, cujo falo é seu principal símbolo. Cultuado nas festas cívicas, em especial nas <i>Grandes Dionisíadas</i> e no Festival de <i>Anthestéria</i> (Dioniso <i>Anthesterio</i> – da floração e da vinha).

# Religião Cívica:

Até o período Arcaico (séculos VIII – VI a.C.) a esfera do sagrado no que diz respeito a seu espaço físico na vida das pessoas, encontrava-se em espaços privados como os altares domésticos. Contudo, com o surgimento das cidades-estados edificou-se o templo, onde o deus residia por meio de sua estátua; o templo é (diferentemente dos altares domésticos) público e comum a todos os cidadãos. Portanto pertencia à cidade que o construiu para marcar e afirmar seu domínio sobre um território. Nos templos habitavam os deuses protetores da *polis*, os quais também conferiam aspectos singulares para ela, já que cada uma tinha seu panteão e motivos próprios para a escolha dele.

A partir de então cada cidade passou a ter sua tradição religiosa e o gênero literário tornou-se autônomo (desenvolvimento de uma literatura épica, passou-se a recolher na escrita o que era transmitido pela tradição) - vale ressaltar que a literatura no período Clássico (séculos VI a IV a.C.) não era feita para ser lida desacompanhada, deixava as narrativas com caráter estético, político e social, e aproximando os vínculos entre religião e polis.

O culto aos heróis também era uma característica da religião cívica, pois está associado a um lugar preciso como um túmulo com o corpo do herói (pelo menos se acreditava que o corpo estava ali; às vezes mantinha-se o lugar em sigilo porque de seu resguardo dependia a integridade da *polis*, e outras vezes estavam no centro da cidade para lembrar seu lendário fundador). O prestígio dessa figura era sinal de honra; os heróis representavam símbolos de glória e serviam como modelos de virtude para os cidadãos. Eles eram semideuses, muitas vezes filhos de um deus com um humano, eram homens que nasceram e morreram, tinham qualidades como força e beleza maiores que o comum e viveram em um período antigo - não existiam e nem existiriam mais, mas permaneciam vivos na memória dos gregos.

# Ações da vida cívica:

## O Festival da Panatenéias



Imagens complementares de uma mesma ânfora.

Local de fabricação das ânforas: Ática

Local de achado: (?)

Data: 550 – 500

Pintor: (?)

Material: terracota

Técnica: figura negra

Forma: Ânfora com pescoço

Descrição: na imagem da esquerda Atena com traje típico, escudo e capacete. Percebe-se também duas inscrições que autenticam a ânfora como prêmio do Festival das *Panatenéias*. A direita, homens correndo na famosa competição atlética do festival.

O Festival das *Panatenéias*: festival anual de Atenas: acontecia no final da primeira lua nova depois do ano novo (todo mês em Atenas era lunar) no mês de *Hekatombaion* (o equivalente moderno seria junho-julho), nele se homenageava a deusa protetora de Atenas, *Atena Polias* na sua data de aniversário (pelo o que se acreditava). Durante o festival ocorriam competições e torneios, parte integrante dos rituais religiosos gregos; nas *Panatenéias* aconteciam torneios de atletismo e corridas de tochas, além de competições entre *rapsodos* (artistas que recitavam poemas, os cantos) homéricos.

Acreditava-se que os deuses eram honrados com a exibição das competições, exaltavam as excelências humanas. Também para os homens as competições nesse festival e em outros era proveitosa, pois formavam ocasiões de encontro entre os muitos agrupamentos humanos do Mediterrâneo, eram ideais para o comercio de bens e troca de idéias.

Nesse festival, a comunidade doava uma vaca para sacrifício, e as outras vítimas eram compradas com a renda das terras públicas – é interessante notarmos que o sacrifício por meio de toda uma simbologia representava a comunhão social, que reforçava, pelo consumo das partes de uma mesma vítima, os laços de união entre os cidadãos.

Nas competições do Festival das *Panatenéias*, os ganhadores ganhavam prêmios, os quais eram ânforas cheias de azeite. É fundamental notarmos o valor desse prêmio; pois na antiguidade o azeite além de servir na alimentação, também era usado na iluminação. Ele pode ser comparado ao petróleo na atualidade, sua importância econômica era considerável

Local de fabricação: Ática

Local de achado: (?)

Data: 490 – 480

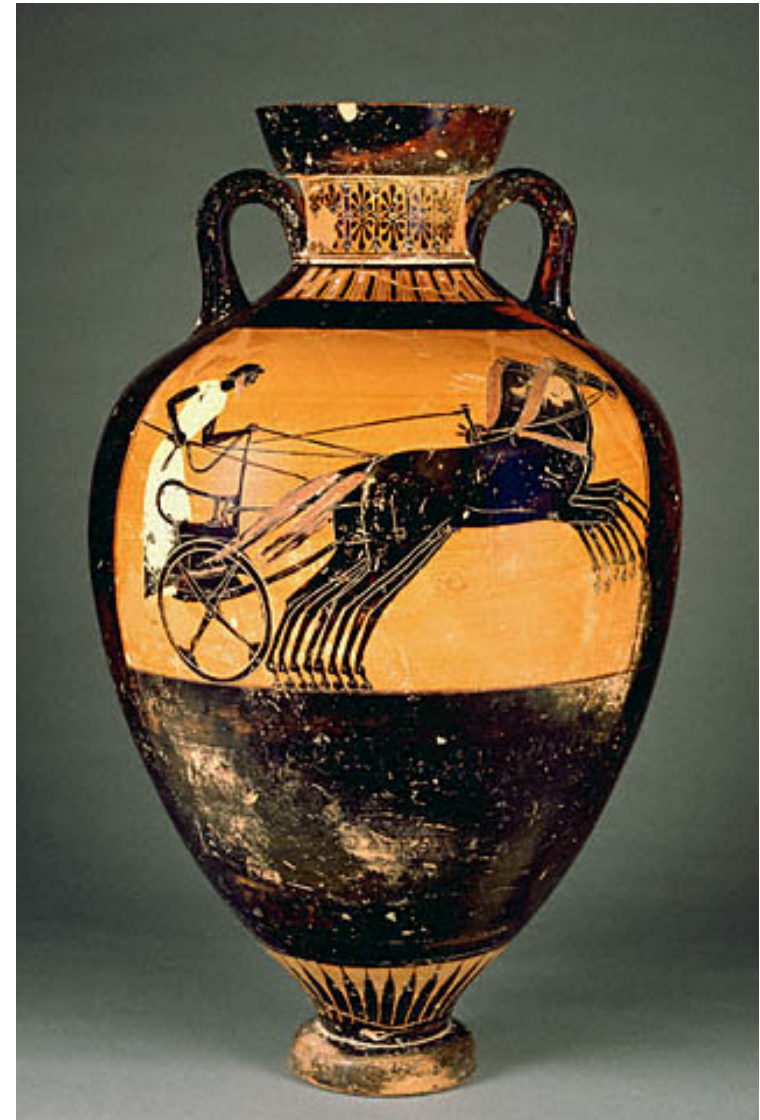
Pintor: Kleophrades

Material: terracota

Técnica: figura negra

Forma: Ânfora com pescoço

Descrição: Atena representada da maneira mais tradicional com capacete e uma lança, ela compete no torneio mais prestigiado do Festival das *Panatenéias*: o de carros.



A procissão realizava-se a cada quatro anos (as *Grandes Panatenéias*) para escoltar o novo manto (*péplos*) tecido pelas virgens das famílias mais notáveis, o qual vestiria a imagem da deusa protetora; tal procissão atravessava a *agora* (local das assembléias) até a *Acrópole* (lugar mais alto da *polis* onde estava o *Partenon*, templo de Atena, e o *Erecteion*, templo de *Atena Polias* – para onde se dirigia a procissão), passando pelos principais pontos da cidade e integrando toda a comunidade.

Parte do friso de mármore do *Partenon*

Local: Atenas (Ática)

Local de achado: *Partenon*

Data: cerca de 440

Escultor: Fídias

Descrição: nessa parte do friso do *Partenon* representam-se três deuses: Poseidon, Apolo e Ártemis. Eles assistem a procissão das *Panatenéias*. O friso inteiro tem cerca de um metro de altura e 160 de comprimento. Representa a procissão desse festival, a qual consiste de jovens a cavalo e em carros, anciãos, músicos e portadores de oferendas. O sacerdote, auxiliado pela sacerdotisa, dobra o belo *peplo* da deusa.



# Religiosidade e Polis:

## Conclusão

Para compreendermos a tradição religiosa grega de modo geral, é preciso pensar em termos estruturais: mito, ritual e figuração dos deuses articulam-se e integram a mentalidade grega. Contudo, a religiosidade não é uniforme, cada *polis* possui suas particularidades sobre isso, principalmente porque a constituição do panteão de deuses e das tradições é feita localmente. Assim temos uma noção de cultos gregos e não de uma religião, mas a língua e a cultura unem tais cultos e podemos, então, ter um ponto de vista mais panorâmico da religiosidade.

Partindo desse ponto de vista mais amplo, reconhecemos a imensa importância do politeísmo grego para as pessoas e suas diversas relações com o mundo. A religiosidade impregnava todos os âmbitos da vida humana, desde o particular, no que diz respeito à crença, até o social, quando se trata da sociedade e da *polis*. Percebemos também que tanto o mito quanto o ritual faziam parte da tradição, a qual dava continuidade a essa religiosidade repleta de simbolismos.

E então entendemos, um pouco, sobre como a tradição era um dos elementos que afirmava a existência da cidade-estado: por intermédio da legitimação que a proteção de um deus dava a ela. Sendo assim, concluímos que cada cidade possuía parte de sua identidade no panteão de deuses que a supervisionavam, os quais habitavam o templo (onde se afirmava o domínio da cidade em um território). E existiam também as tradições ritualísticas que uniam os grupos de pessoas dentro da comunidade - por exemplo, o Festival das *Panatenéias*, que englobavam competições, sacrifícios e procissões como rituais públicos.

## Agradecimentos

Agradeço a orientação da Professora Fátima Regina Fernandes e a grande colaboração da Professora Renata Senna Garraffoni.

## Bibliografia

- ✓ BURKERT, Walter. Dissolution and New Years's Festival. In: \_\_, *Homo Necans*. California: University of California Press, 1983, pp.135 – 161.
- ✓ \_\_\_\_\_. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp.21-66, 421-431, 437-450, 471-478.
- ✓ CARDOSO, Ciro Flamarion. *A Cidade-Estado Antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- ✓ ELIADE, Mircea. A Estrutura dos Mitos. In: \_\_, *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, pp.7-23.
- ✓ JONES, Peter (org.). O ambiente Metafísico. In: \_\_, *O Mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp.89-132.
- ✓ MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- ✓ ROBERT, Fernand. Alguns deuses, no Olimpo ou sem Olimpo. In: \_\_, *A Religião Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp.55-106.
- ✓ VERNANT, Jean-Pierre. Fronteiras do Mito. In: FUNARI, Pedro (org.). *Repensando o Mundo Antigo: Jean Pierre Vernant e Richard Hingley*. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, 2002, pp.9-24.
- ✓ \_\_\_\_\_. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Campinas/SP: Papyrus, 1992.

## Fonte das Imagens

- ✓ Imagem 1: <http://uark.edu/campus-resources/achilles/festivals/festivals.html>.
- ✓ Imagem 2: <http://www.getty.edu/art/gettyguide/artObjectDetails?artobj=8711>
- ✓ Imagem 3: “Parte do Friso de Mármore do Partenon”. ROSTOVTZEFF, M. *História da Grécia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p.184

# Glossário

- ✓ *Apolo*: filho de Zeus, nasceu na ilha de Delos e era cultuado principalmente em Delfos. Era o deus da inspiração poética e tinha como companheiras as Musas. Também era o arqueiro que protegia os rebanhos e aquele que absolve os assassinos, constituía-se um purificador.
- ✓ *Ártemis*: irmã de Apolo. Jovem virgem que percorria as florestas como caçadora, deusa das feras e amante da dança e da música.
- ✓ *Boulé*: cidadãos membros de um conselho que preparava decretos a serem submetidos nas assembléias e que controlava a vida na cidade. Além de supervisionar o magistrado. Era essencial na democracia ateniense.
- ✓ *Hera*: esposa de Zeus. Presidia os casamentos e protegia as uniões legítimas. Também era a senhora do Peloponeso.
- ✓ *Phrátriai*: núcleos de vida cívica que uniam pequenos grupos de cidadãos e cumpriam funções familiares e religiosas.
- ✓ *Polis*: uma forma de Estado, Sua tradução é difícil, uma vez que “cidade” é sinônimo de aglomeração urbana. Uma concepção correta é *polis* como comunidade humana composta pelos cidadãos (*politai*).
- ✓ *Poseidon*: deus dos mares, também provocava tremores de terras.